

AUGUSTO DA CUNHA GOMES

BEM que tenha, com o sobrenome, assinalado discutida linha geodésica, entre pontos cujas coordenadas determinou AUGUSTO DA CUNHA GOMES, não mereceu referências por menorizadas nos dicionários bibliográficos

Mercê, porém, da cooperação valiosa do capitão de mar e guerra DÍDIO IRATIM AFONSO DA COSTA, foi possível o conhecimento de alguns episódios da vida operosa do demarcador, que haqueou, em consequência de moléstia adquirida na Amazônia, antes de completar o quarto decênio de existência

Começou na Bahia, onde nasceu, a 22 de dezembro de 1862, do casal JOÃO VÍTOR DA CUNHA GOMES e D LAURENTINA ETELVINA DA SILVA GOMES

Aspirante de Marinha, a 12 de março de 1878, viu-se promovido a guarda-marinha a 21 de novembro de 1880, ao terminar brilhante curso

A bordo da corveta "Guanabara" seguiu em viagem de instrução, por mares distantes, e da "Baiana", por águas atlânticas até o Pará

Segundo-tenente, a 21 de dezembro de 1882, serviu de ajudante de ordens do ministro da Marinha

A promoção a primeiro-tenente já se deu na República, a 8 de janeiro de 1890, logo seguida por viagem mais demorada

Capitão-tenente, desde 30 de agosto de 1894, e requisitado pelo ministro das Relações Exteriores, constou-lhe a nomeação para segundo comissário da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, por decreto de 9 de maio de 1895

Para primeiro, fôra escolhido o tenente-coronel TAUMATURGO DE AZEVEDO, engenheiro militar

O Protocolo firmado no dia seguinte, pelo ministro CARLOS AUGUSTO DE CARVALHO e FREDERICO DIEZ DE MEDINA, estipulava que deviam os demarcadores determinar a intersecção da linha do rio Madeira (long 10°-20') ao Javari (lat 7°-1'-17",5) com os rios Jatuarana, Embira, Tarauacá e outros por ela cruzados

A 2 de agosto de 1895, na cidade de São Luís de Lábrea, à margem do rio Purus, constituiu-se a comissão mista de que faziam parte, na categoria de comissários bolivianos, o coronel D JOSÉ MARIA PANDO, primeiro, e engenheiro CARLOS SATCHELL, segundo, além de médicos e auxiliares vários

Esclareceu o representante do Brasil que o Protocolo de 14 de junho subordinara o segundo comissário ao primeiro, de quem era simples auxiliar ou seu substituto, "no caso de falecimento ou impedimento prolongado"

Entretanto, "propunha que ficasse ajustado que o senhor capitão-tenente AUGUSTO DA CUNHA GOMES, como segundo comissário brasileiro, tivesse iguais poderes e atribuições aos do primeiro", no caso do impedimento dêste, para evitar que fôsse a demarcação "prejudicada ou demorada"

Na segunda conferência, de sete de novembro, à beira do Acre, verificaram os comissários a discordância das longitudes obtidas e decidiram, de comum acôrdo, a retirada para Manaus, a fim de regular os cronômetros

Quando tornaram ao Aquiri, já era o Dr CARLOS SATCHELL primeiro comissário por parte da Bolívia

Depois da determinação das coordenadas locais, assentaram os expedicionários, 14 de setembro de 1896, o marco à direita do rio (lat 9°33'54" e long 67°30'17",5 W Gr) e esquerda (lat. 9°33'5" e long 67°30'25",5 W Gr)

E resolveram proceder de análoga maneira no Hyuacu ou Iaco, onde acamparam, e a 6 de novembro assinaram a ata da 4ª conferência, relativa à marcação do ponto de cruzamento da geodésica (lat 9°-08'-13" — long 68°-38'-53" W Gr)

No dia onze, recebeu o Purus o sinal fronteiroço à lat 8°-57'-27" e long 69°-07'-31" W Gr

E considerando as dificuldades de tentarem, naquela quadra, a travessia por terra ao Juruá, resolveram os comissários a "suspensão temporária da demarcação"

Ao rair janeiro seguinte, demitiu-se o primeiro comissário, por doente, de sorte que a chefia da comissão brasileira coube ao segundo

Embora tivessem ambos os governos endossado solenemente as observações anteriores, que situavam a nascente do Javari a 7°-1'-17",5 de lat sul e 74°-27'-07" W Gr, em função das quais fôra calculada a geodésica, determinou o general DIONÍSIO DE CERQUEIRA, então ministro do Exterior, que fôsse empreendida a reexploração do rio lindeiro

Achava-se CUNHA GOMES em Manaus, responsável pela Comissão, quando teve ciência da ordem ministerial, executada sem tardança

No relatório, datado da capital amazonense, aos 11 de janeiro de 1898, regista as impressões da monotonia que lhe causou o rio imenso

"Tudo muda ao entrar-se no Javari"

"Suas margens já formadas de barrancos altos e muito povoados, até a bôca do rio Itacuaí, um dos mais importantes e poderosos tributários da margem direita, prestam atractivos, que em vão se procuram no Solimões"

Depois de informar a respeito do tráfego mantido por lanchas acrescenta: "a 377 milhas da foz do Javari finda a navegação de vapor e entra-se na zona de difficil trânsito. É na confluência do rio Galvez com o Javari. Este segue então com o nome de Jaquirana até as suas nascentes"

"Até o Galvez foi a viagem feita em vapor, daí em diante, em canoa, entrando-se pelo "Jaquirana"

Como ainda pairasse dúvida a respeito do formador principal, o geógrafo examinou minuciosamente os dois galhos fluviais, antes de concluir que era o Jaquirana o curso superior do Javari, pois que tem "volume de descarga de águas maior do que o "Galvez" e em uma relação de um para três;

a temperatura das águas é branca como as do rio Javari, sendo a do rio Galvez escura e triste;

o seu curso, de cerca de 700 milhas até sua nascente, enquanto o rio Galvez terá talvez pouco mais de 100 milhas também até as suas nascentes"

Relembrou que o rio fôra sulcado, em 1864, pela Comissão Mista Brasília-Peruana, que só alcançou a latitude 6°-50'-00"

Hostilizada pelos índios ribeirinhos, perdeu o seu chefe brasileiro, capitão-tenente SOARES PINTO, saindo ferido o geógrafo PAZ SOLDAN, flechado na perna, cuja amputação foi mister executar em Manaus

Na segunda investida, chegaram os exploradores até 6° 59' 29", 50

Cabia-lhe, afinal, desvendar o mistério

Partira a 10 de junho de 1897 do pôrto de Manaus, no aviso "Tocantins", que rebocava a lancha "Tarumã", um batelão e seis canoas

Com a marcha inicial de sete milhas por hora, e pequenas paradas indispensáveis, embocou pelo Javari no dia 21, e determinou-lhe as coordenadas (lat 4°-21'-06" — long 69°-57'-30" W Gr)

No lugar denominado Cachoeira, o aviso deitou âncora, por lhe ser perigosa a continuação, águas acima, onde não encontraria sufficiente profundidade

Passaram-se os expedicionários para a lancha "Tarumã", que os levou à foz do Galvez, onde permaneceram de 5 a 10 de julho, em preparativos e determinações de coordenadas (lat 5°-10'-17",5 — long 72°-52'-36" W Gr)

Aí deixaram a lancha e prosseguiram a viagem, em condições cada vez mais embaçantes

"As dificuldades de subida, afirmou o demarcador, foram crescendo de dia a dia, porque a todo o momento era preciso cortar grandes troncos de árvores lançadas no leito do rio, arrancar outros do fundo e fazer canal em coroas de areia e cascalho, para dar passo às canoas, bem como passar por baixo de outros, sendo necessário retirar as coberturas de palha, serviço este muito moroso e por demais penoso para um pessoal bisonho e não acostumado a esta natureza de trabalho"

Após 12 dias de viagem, aproximou-se do paralelo, onde a comissão de 1874 plantou o marco da nascente do Javari

Ser-lhe-ia impossível seguir de canoa, embora o ribeirão ainda apresentasse largura de 12,95 metros

Resolveu "continuar a exploração por terra", deixando as embarcações guardadas por apropriado contingente.

Pela manhã de 24 de agosto, partiram os 30 expedicionários, que iriam palmilhar o fófo solo da floresta sombria, distribuídos em quatro turmas: para condução dos cronômetros e instrumentos de observação, para levar a bagagem indispensável e ambulância, para o transporte de mantimentos, e outra encarregada de abrir picada na floresta portentosa

No segundo dia de marcha, deparou-se-lhes a forquilha fluvial, com o galho da esquerda (99,960 m³ por minuto), no qual reconheceram o prolongamento do Javari, e o da direita, que denominaram "Surprêsa" (43,512 m³ por minuto)

Aumentaram os sofrimentos, pois que "de dia lutamos com trabalhos extraordinários para não nos afastarmos do leito do rio, sendo obrigados a subir e descer montanhas, algumas das quais bastante íngremes, e à noite, que contávamos descansar, somos obrigados a passá-la em claro, por causa destes cruéis e valentes filhos destes lugares".

Eram os Capananas, "a mais feroz tribo antropófaga que habita esta região", cuja presença os invasores dos seus domínios sentiam a cada passo

A 27 de agosto, nova bifurcação redobrou os serviços de reconhecimento, para confronto do braço da água clara com o de coloração escura

A montante, era o "Jequitirana" diminuto córrego, pelo qual seguiu um dos soldados, a cujos sinais os companheiros atendiam flanqueando o leito

A 30 deram com uma cachoeira, então denominada de "Esperança", por indicar aproximação do termo da jornada

Afinal, ao terminar agosto, alcançaram "dois olhos d'água ou vertedouros no fundo de uma grande serra"

"Aos 66 metros de distância, esses dois vertedouros se reúnem, formando pequeno regato, que cai em cachoeira de 4,5 metros de altura, deixando em sua base pequena bacia"

"Continua em torrente encachoeirada e violenta por mais cinco metros, dividindo-se aí em duas fortes quedas d'água, tendo a da direita 27,8 metros de altura e a da esquerda 37,30 também de altura, as quais formam em sua base uma bela bacia, cavada em leito de pedra"

Rematava-se com êxito a exploração do Javari até as suas nascentes

Fazia-se mister ainda determinar-lhes as coordenadas, que foram calculadas em lat $7^{\circ}-11'-48''$, 10 e long $73^{\circ}-47'-44''$, 5 W Gr, altitude 502,10 ms

Assinada pelos presentes a ata respectiva, que registou solenemente a ultimação de reconhecimento, iniciaram o regresso, durante o qual tiveram de repeliu assalto noturno dos Capananas

Apesar dos trabalhos sobre-humanos, das intempéries, da alimentação defeituosa, em consequência de naufrágios e umidade excessiva no seio da mata, saltaram de novo no pórtico de Manaus, à tarde de 30 de setembro, com a perda apenas do marinheiro ALEIXO, falecido de heribéri, e deserção do soldado JOÃO FERREIRA, decidido a transformar-se em caucheiro

Não obstante assaltados pelo impaludismo, e estiopeados pelos serviços exigentes de perfeita higidez do organismo, cumpriram galhardamente sua tarefa, graças à chefia previdente e operosa de CUNHA GOMES

Ciente dos resultados colhidos, diferentes dos números aceitos em 1874, apressou-se o general DIONÍSIO DE CERQUEIRA em comunicá-los ao enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Bolívia, Dr JOSÉ PARAVICINI, pois que invalidavam, em parte, o Protocolo de 19 de fevereiro de 1895

"Segundo o tratado de 1867, que regula esta matéria, afirmou a 25 de abril, a linha divisória seguiria do Madeira para oeste por um paralelo tirado da margem esquerda dêsse rio na latitude sul até encontrar o Javari; e se êsse tivesse as suas nascentes ao norte daquele paralelo, iria da mesma latitude de $10^{\circ}-20'$ por uma reta à origem principal do dito Javari

"O Protocolo de 1895 não podia alterar e não alterou a solene disposição de um tratado"

Os ministros CARLOS DE CARVALHO e FREDERICO MEDINA endossaram, como verdadeiros, os cálculos de 1874, de que resultou a posição das nascentes à latitude de $7^{\circ}-1'-17,5$ e long $74^{\circ}8'27''$, 7 long W Gr

CUNHA GOMES ofereceria outras, mais ao sul, e traçou a nova geodésica, a qual evidenciava para o Brasil a perda de "242 léguas quadradas do território", caso permanecesse a divisória errada

Daí por diante, a "linha Cunha Gomes" não mais sumiria dos debates que se travassem em tórno da questão acreana

Ainda serviria na Diretoria de Hidrografia da Marinha, a princípio como ajudante e depois na respectiva chefia

Trouxera, porém, das comissões fronteiriças a causa das febres periódicas, que lhe foram minando o organismo, até que, a 20 de agosto de 1901, não mais lhes resistiu aos acessos

E, assim, em plena pujança quarentona, quando poderia, com mais experiência, cumprir em outras comissões relevantes, a sua vocação profissional, desapareceu, antes de ver solucionado o litígio fronteiriço, em que o seu nome de continuo vinha à tona da discussão, para definir expressiva linha geodésica

VIRGÍLIO CORREIA FILHO

